

a gazeta

editorial | 2

digressões | 5

entrevista | 6

“O simbolismo do sonho atesta a complexa capacidade de memória do sujeito, e será a ela que a técnica de interpretação de sonhos virá a recorrer.”

Simone Accetta Groff

perspectivas | 8

arte&cultura | 9

agenda | 10

biblioteca | 11

11

a gazeta

Número 11
Junho de 2020
Distribuição Gratuita

Editora

Kenia Ballvé Behr

Equipe de Redação

Clarissa Salle de Carvalho
Gabriela Seben
Kenia Ballvé Behr
Mariana Biazzi

Projeto Gráfico

Guilherme Mautone

Diagramação

Carlos Tiburski

Fotografia

Carlos Tiburski e
Kenia Ballvé Behr

Impressão

Ideograf (POA - RS)

Periodicidade

Trimestral

Tiragem

68 exemplares

Composição

Tipografia Chaparral Pro.
Capa em Couché com
revestimento em Prolan
Fosco. Miolo em Off-Set.

20 ANOS CONSTRUCTO
instituição psicanalítica

CNPJ 04.4792660001-10

Rua Quintino Bocaiúva, 1373, 01.
Bairro Rio Branco, POA, RS.

www.constructo.com.br
comunicacao@constructo.com.br
constructo@constructo.com.br

51 3343 3364
51 98119 1944

Todos os direitos reservados

editorial

por Kenia Ballvé Behr

Reflexões inevitáveis



O vento forte parece desgovernado no meio de um temporal, o ruído assustador das árvores que se balançam perigosamente, ou mesmo o forte estalido de um galho que, desgarrado de uma árvore, cai com um som seco e forte no chão ou em cima de alguma coisa qualquer, um muro, um canil, alguém em risco, ferido? Esse cenário assusta mais ainda quando é noite e o breu pouco nos permite ver lá fora. Ou quando, junto com o vento que zune, com o barulho que faz, mais raios e trovões, começa uma chuva forte, impiedosa... não é o barulho gostoso da chuva caindo mansa, são laçassos raivosos... Esse estranho que remonta à infância, no campo, quando a imensidão, no temporal e no escuro, parecia muito maior, aterradoradora mesmo!

O medo de menina, reativado hoje, traz a sensação da impossibilidade de controlar essa força imensa da natureza, arrasadora que, inesperada (ou

anunciada), pode trazer tanta dor, tanto dano, mas mais do que isso, faz sentir a exata dimensão do quanto tudo é maior, é relativo, nos despindo de um narcisismo etéreo, nos saturando da consciência de nossa pequenez e impotência. E agora, frente a esse inesperado (ou anunciado) que estamos vivendo, que não tem origem nas forças da natureza, mas em resvalões humanos frente a ela, nos damos conta de quanto tempo andamos esquecidos daquilo que realmente importa.

Um traumático, um ego sem condições de absorver a realidade, como nos diria Freud, falando de uma força maior que vem de fora, e frente à surpresa e ao despreparo do Eu, torna-o impotente e aterrorizado, provocando uma grande perturbação na economia libidinal...

Neste março, abril de 2020, nós todos estamos vivendo uma tempestade muito maior... na verdade uma tragédia, muito mais devastadora que

e inesgotáveis sobre o Covid-19



temores infantis (que agora parecem tão pequenos), que atravessa continentes, que vem matando milhares de pessoas, tornando tudo muito relativo em relação àquilo que parecia nuclear, sem que tenhamos uma ideia clara do que determina tudo isso, por que, até onde vai... E parece que o maior assombro está inscrito na impossibilidade de controlar isso presente...

A inquietação está presente por todo lado, projetada nos olhos, nas expressões, nos silêncios e nas manias, nos cuidados e nos descuidos, nos enfrentamentos, nas defesas. Nos gestos de todos, até numa certa incrível *compreensão* das crianças que, ao mesmo tempo invadidas pelo medo de perder aqueles de quem dependem, insistem que todos precisam se cuidar. Cada um tentando encontrar o melhor jeito de lidar com esse desconhecido e aparentemente inesperado!

O que estamos vivendo extrapola os limites da realidade, chegando

mesmo ao trágico. O fato é que não estávamos preparados para uma situação como esta. Cresce o desejo e, ao mesmo tempo, o ceticismo, de encontrar alguém que possa indicar um caminho. Estamos desorientados, saturados por ideias desencontradas, origem no desconhecimento de alguns, produto dos temores e fantasias de tantos, quem sabe do transbordamento, ou talvez da psicopatia, de outros. De qualquer modo um amontoado de ideias contraditórias, em que a realidade às vezes parece superar a ficção. É preciso reinventar e manter o contato com o chão de nós mesmos, para podermos fazer as escolhas que nossa estatura permite.

Diferente do sonho que surge como guardião do dormir, como cumprimento de um desejo, como uma forma de expressar e poder acalmar o não resolvido dentro da gente, muitas vezes protetor, outras tantas denunciante, mas sempre em relação àquilo

que foi parte de nossa história infantil... Então, diferente desse sonho, o que surge na noite é como se estivéssemos em um cenário que mostra outra coisa, parecido com o vivido, emparentado com um certo trágico experimentado, difícil, onde não estão o símbolo e o simbolizado, onde apenas podem se notar poucas condensações e deslocamentos. Mas o outro que se esconde atrás do disfarce, é sempre arrasador da mesma forma. É uma realidade pura e dura, insólita, que surge nas noites de muitos com muito maior frequência que o habitual, que impede um sono tranquilizador, que detona um despertar assustado ou angustiado. Na verdade, uma busca para recuperar o domínio sobre aquilo que desencadeia tamanha angústia e tristeza.

Se por um lado, sonhos traumáticos, por outro lado, uma vivência terrível de dor pela percepção da dor de tantos, por todo lado, por anteci-

par o caos que certamente ainda vai terminar de se instalar; mas, por outro lado, também, a angústia doída que invade o peito, não tanto diante do medo da morte, mas diante da incerteza daquilo que não sabemos, do estranho, da fragilidade que na verdade nos constitui, de tudo aquilo frente ao qual tanta gente está sofrendo certamente muito mais do que nós.

Como num tobogã, vamos andando, nossos afetos variando, às vezes esperança, outras vezes certa incredulidade, muitas vezes raiva de um tempo que sentimos estar sendo perdido, mas cada vez mais aquele vazio que parece não ter fim. E estes momentos vão ficando mais pesados, porque sabemos que temos que dar conta do que se passa... E não podemos, parecendo por vezes que nem queremos mesmo (para não querer mais e mais), buscar no outro o aconchego, o abraço que poderia amenizar esse imenso vazio e solidão. Temos que saber, com certeza, que aquilo que torna a missão mais difícil é que estamos invadidos de saudades, da ausência do toque, do abraço, do olhar, da liberdade do gesto, do nosso ir e vir...

Mas talvez tão importante quanto pensar nas nossas tristezas com o que se passa, no jeito que estamos dando para lidar com esse traumático que nos invade, com a percepção daquilo que dificulta nossa compreensão dos fatos... muito mais importante talvez seja nos interrogarmos, como que abrindo uma janela de esperança, onde poderemos chegar no final de tudo isto? Será que só restará a lembrança triste desta nova peste, o luto e a dor? Na verdade, vivemos um entrecruzamento de caminhos.

Revisando um destes caminhos, ao pensar a vida que estávamos vivendo, constatamos um esvaziamento brutal da noção de si mesmo, na medida em que outros valores foram ocupando a importância de um Eu mais

verdadeiro... O encontro com o outro também foi se modificando violentamente, de certa forma se empobrecendo cada vez mais, porque não tínhamos tempo e nem disponibilidade para estarmos juntos, porque o contato mais próximo e verdadeiro foi se perdendo, se confundindo com contatos *internéticos*, ou através de códigos verbais muito sucintos, para que tudo fosse mais rápido e pudéssemos chegar a tempo onde nos impúnhamos chegar. Não tínhamos mais tempo de namorar porque a regra era transar o antes possível, parecendo configurar *maturidade*, principalmente das mulheres que acreditavam que assim se apropriavam de seu próprio corpo... mas, na verdade ainda estavam ofegantes com as tarefas impostas a elas, aliás, por elas mesmas, que comprovassem essa maturidade. Não olhávamos para trás porque não podíamos perder tempo de chegar logo na próxima estação, e assim o conhecimento de nossas histórias pessoais se perdeu muito. O contato entre pais e filhos ficava cada vez mais pobre e estávamos saturados de explicações que tornavam esse fato inevitável, porque afinal “os pais precisavam cuidar de seus interesses, econômicos e profissionais”, e os filhos não tinham tempo sobrando tal a diversidade de atividades que possuíam. E todos falávamos sobre isso com muito orgulho por nos sentirmos fazendo parte desse mundo tão avançado...

Repentinamente fomos impedidos de manter esse modelo, assustados com as notícias que ainda vinham de longe, com medo do vírus, com a exigência de isolamento imposta, fomos assim mergulhando numa reflexão inevitável e inesgotável a respeito daquilo que nos transbordava há bem mais tempo do que o tempo da pandemia.

Toda uma experiência imposta, é verdade, que desperta angústias as mais diferentes, tristezas que se redobram a cada dia diante do que acon-

tece mas, ao mesmo tempo, por vezes parece começar a surgir uma certa janela de esperança.

Num segundo caminho, a exigência de estabelecer relações diferentes com o outro, seja pela proximidade no confinamento, seja pela distância necessária, colocou em cheque a nós mesmos, nossos sentimentos, a preocupação com os outros, a solidariedade. As famílias se superaram em criatividade para administrar a nova rotina e, aliado ao *stress* inevitável do dia a dia, surgem as mais diferentes experiências, descobertas cálidas, divertidas até, que nascem justamente da necessidade de cuidar e de conviver muito, de dividir, que abrem espaços e, com eles, prazeres até então inimagináveis numa rotina familiar.

Num âmbito mais amplo, do social, certamente essas experiências não terão o mesmo espaço, porque a preocupação maior estará na necessidade de sobreviver. Mas de alguma forma todos seremos confrontados com o drama que vivemos, todos teremos que lidar com o medo que esse mal invisível causa, todos teremos muitas razões para nos entristecermos e todos estaremos carentes de aconchego e dando ao amor um lugar mais aquecido.

Certamente não precisávamos de uma catástrofe para descobrirmos isso tudo. Não foi o vírus que nos fez perdidos como estávamos. Ele nos encontrou assim. E embora tudo isto esteja longe de acabar, embora as mortes continuem, muitas, também o sofrimento das famílias impedidas de se despedirem dos seus, embora o medo e a tristeza estejam nos olhos de cada um, eu espero, eu quero muito acreditar que essas terríveis experiências que estamos vivendo não tenham um destino efêmero e que as lembranças deste caos fiquem em nossa memória e determinem nossas próximas escolhas. Na verdade precisamos que toda essa vivência se transforme em uma janela de esperança!

digressões

por Karin H. K. Wondracek

Psicanalista. Doutora na interface entre Psicanálise, Fenomenologia e Teologia. Membro Pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica

Sonho como obra de arte: entrelinhas em Freud

Fecha teu olho físico para ver primeiro o teu quadro com o olho do espírito. Depois, faz subir até o dia o que viste na noite.

A frase de J.P. Pontalis, citada por Tales Ab'Saber (2005) ao final do seu livro sobre sonhos, causa uma certa estranheza... mas afinal, não é da admissão de estranhezas que avançou a psicanálise?

Peter Gay (1989) nos conta, na biografia de Freud, que o texto *Das Unheimliche* (1919) foi escrito em quase simultaneidade com o esboço do *Além do princípio do prazer* (1920), mostrando como o inquietante e sinistro tocou o estudo do traumático e, *a posteriori*, a elaboração da segunda tópica. Neste último, os sonhos traumáticos, as brincadeiras de crianças, as peças teatrais e a transferência foram aproximados entre si, para destacar que há algo que insiste *além* do princípio do prazer, algo que tenta lidar repetidamente com o excesso.

Estou escrevendo na hora que precede o amanhecer, e gostaria de partilhar e fazer subir intuições da noite do sonho para as palavras da luz do dia, nesse reencontro com parceiros de muitos anos na busca de compreender as dimensões não languageiras do psiquismo de bebês e pacientes. Refi-

ro-me ao Grupo de Observação Metapsicológica de Bebês, onde junto com Kenia Ballvé Behr fizemos as relações entre o psiquismo emergente de bebês, observados por nós, e a teoria psicanalítica, especialmente as elaborações de Silvia Bleichmar.

Sinto-me visitando pessoas queridas e trazendo na bagagem algo das viagens teóricas desde que nos despedimos. Entre elas, está a pesquisa de doutorado (Wondracek, 2010) sobre a fenomenologia da vida do filósofo Michel Henry (1922-2002) e seu diálogo com Freud, especialmente a respeito da genealogia da psicanálise.

Nesse contexto, abordei a relação entre os sonhos de Freud e sua biografia, para pensar a imbricação entre o vivido e o pensado. Sua vida fecunda não temia a exposição até as entranhas, na coragem de sempre investigar mais fundo a substância que nos constitui. Conforme a fenomenologia da Vida, seus sonhos foram doações recebidas da Vida, que ele ousou examinar e expor, e nisso manteve sua beleza. Lembremos aqui a hostilidade de Freud para com os filósofos – justamente porque não encontrava compreensão neles para seus conceitos *noturnos*. Nesse sentido, Freud e Henry dão-se as mãos, pois ambos não se sentem contemplados no desenvolvimento filo-

sófico tradicional, pois ambos privilegiaram intuições nascidas em seus corpos sonhadores e errantes.

Se Freud é herdeiro de duas correntes, a ocidental e a oriental, é na herança hebraica que encontrará um grande valor para o noturno e por vezes irrepresentável. Com Betty Fuks (2000) aprendemos que justamente na herança do seu povo encontramos o primado da irrepresentabilidade, cuja consideração mantém Freud pesquisador que insiste na errância, no estranho inquietante – uma luta de vida e morte que o deixa manco como o patriarca Jacó, como confessa.

Na conclusão da tese, expressei que também os sonhos ganharam em mim este duplo movimento – por um lado, a busca de interpretação e, por outro, a impressão da vida. Sonho é enigma a ser decifrado, mas também é realidade afetiva, manifestação da vida. Com a fenomenologia da Vida aprendi a apreciar o sonho esteticamente, quase como uma obra de arte. Por isso, tal como a obra de arte, está aí para primeiramente me impactar afetivamente e somente depois cabem as análises, contextualizações e interpretações. Ou seja, procuro resgatar o modo imagético-afetivo de doação do sonho antes do relato verbal secundário a este.

entrevista

A Interpretação dos Sonhos

Numa analogia com o cinema, o convite é para primeiramente olhar e fruir a cena, mesmo que seja por fragmentos afetivos, impressões sutis, para então trabalhar sobre a descrição a seu respeito. Em linguagem henryana, o sonho é *encarnação* do afeto, este se fazendo carne e fecundando nossa noite, para dali surgir nascido na vida.

A estética do sonho se mostra em várias dimensões: são manifestações, são formações da vida doada, é revelação dos afetos em suas diferentes modalidades – alegria, dor, angústia. Nesse sentido me sinto próxima à riqueza originária do pensamento freudiano sobre o vivo do sonho. Os autores que o seguiram apontaram o trabalho com os sonhos como obra viva portadora de várias dimensões e aproximações.

Em linguagem henryana, sonho é obra da carne humana que desvela a vida – e com Julia Kristeva (2000) aprendi que *des-velar* simultaneamente vela e desvela, tal como a roupa que cobre o corpo. Sonho é a encarnação do afeto numa história que me revela quem sou na noite de mim. Assim como a lágrima é manifestação visível do afeto invisível, podemos dizer que o sonho é a lágrima da vida, do seu *pathos*, do sofrer e desfrutar que nos constitui.

Mantendo presente a compreensão simultânea da estética e do trabalho de interpretação, é o caso de convidar primeiramente o paciente para contemplar e admirar sua produção onírica, sentir-se vivo nela e através dela. Ou seja, não apenas como obra a decifrar, mas como vida a fruir. Nesse estado de fruição na vida, seguimos nas associações livres e interpretações, decompondo elementos e procurando deslocamentos, sempre atentos para as impressões afetivas evocadas no todo ou nas partes. Desta forma, os presentes dados na noite conseguem se manter mais vivos para o pensamento do dia...

O dia nasceu... agradeço a oportunidade da partilha!



SIMONE ACCETTA GROFF

Psicanalista e Diretora de Ensino da Constructo

Clarissa Carvalho - A temática dos sonhos e a importância do seu trabalho na técnica psicanalítica constitui um dos pilares da teoria freudiana. Como você percebe a relevância da interpretação dos sonhos na sua clínica diária e ao longo de sua trajetória como psicanalista?

Simone Groff - Penso que o sonho tem papel extremamente relevante na teoria psicanalítica, bem como no meu percurso na clínica. Entendo que, nos tempos iniciais do tratamento, a apreciação dos modos de aparição dos sonhos na vida psíquica do sujeito colabora para a possibilidade de uma avaliação metapsicológica do aparelho psíquico em questão. Por ou-

tro lado, no processo analítico em andamento, a interpretação do sonho é a “via régia para o inconsciente” como nos diz o mestre, recurso de suma importância e riqueza, pois no curso das associações do paciente estão as marcas da sexualidade infantil subsumidas no simbolismo do sonho.

O modelo de funcionamento mental apresentado por Freud no livro dos sonhos (1900) é o fundamento sobre o qual repousa toda a teoria psicanalítica e o trabalho analítico. Entendo que “o trabalho do sonho” ali descrito, de alta complexidade e particularidade, é modelo que serve de balizador ao analista, indicando as diferentes correntes psíquicas que atravessam o sujeito e, ao mesmo tempo, o tipo de abordagem técnica que será requerida.

A pergunta a ser feita nesses incisos: será esse sujeito capaz de uma produção onírica que, funcionando no eixo do simbólico e no registro da consideração à figurabilidade, demonstre a marca principal do aparelho constituído que, ao sonhar, propicia a restauração do equilíbrio psíquico? A tentativa de resposta a essa indagação constitui grande parte de nosso trabalho, e no caminho dessa investigação se descortina um sujeito tradutivo-recalcante operando no eixo da pulsão de vida, ou um sujeito sujeitado ao irrepresentável demoníaco da pulsão de morte.

Clarissa Carvalho - A Interpretação dos Sonhos é considerado um clássico da literatura científica, onde Freud caracteriza o sonho

por Clarissa Salle Carvalho

como fundamentalmente constituído por imagens. Como compreender a relação entre as imagens oníricas e o trabalho que o paciente realiza através das associações e de um discurso pré-consciente/consciente?

Simone Groff - O trabalho de interpretação de sonhos, tal como exposto no livro dos sonhos de Freud (1900), foi a descoberta fundamental que fundou a psicanálise a partir da análise de seus pacientes psiconeuróticos. Freud faz referência à revelação de um material bruto que se encontra até então inconsciente e incapaz de se fazer conhecido sem o auxílio da arte da interpretação que se inaugura como técnica a partir das associações de suas pacientes histéricas durante a análise de seus sonhos. O simbolismo do sonho atesta a complexa capacidade de memória do sujeito, e será a ela que a técnica de interpretação de sonhos virá a recorrer. Sendo o sonho um produto privilegiado de um aparelho psíquico que sofreu clivagem a partir da qual se constituíram os sistemas psíquicos, será nesse panorama de funcionamento do aparelho, e contando com a capacidade simbólica de um sujeito de memória, que se pode realizar o trabalho da interpretação de sonhos como ferramenta de acesso ao inconsciente na neurose.

O texto de Freud nos leva ao entendimento de que é através de três níveis de regressão, tópica, temporal e formal, que se faz possível o trabalho do sonho, no qual o aparelho psíquico em estado de sono reinveste alucinatoriamente o material bruto das marcas mnêmicas, reavivando as imagens da percepção para, então, conceder figurabilidade à pensamentos que expressariam a satisfação do desejo infantil. Será também, através da regressão requerida pelo trabalho de

análise, e produzida através do enquadre analítico, que poderemos compreender e empreender o trabalho de interpretação de sonhos que será realizado pela dupla analítica.

O sonho é sonhado por sonhar; serve à regulação do sistema. O uso da interpretação perverte sua função original uma vez que exige a revelação do desejo infantil recalcado que foi sofisticadamente disfarçada pelo sujeito, a fim de obter satisfação. Na análise do sonho desequilibra-se o que foi refinadamente equilibrado, sendo, portanto, sumamente necessária a total participação comprometida do analisando no processo. O enquadre, a solicitação da livre associação ao analisando e o trabalho analítico em transferência abrem o caminho para a análise dos sonhos. Nessa operação, o analisando, a partir de suas próprias indagações e teorizações, vai fazendo o minucioso trabalho de separar os elementos condensados em imagens que encobrem os pensamentos latentes que são proibidos pela censura exercida pelos sistemas pré-consciente-consciente. Portanto, é trabalho psíquico de esforço que requer que a tópica dos começos seja revisitada, promovendo um embate entre as forças de ligação e desligação dentro do sujeito, sendo assim tarefa árdua e sempre incompleta. A referência de Freud ao “umbigo do sonho” (1900) é feita a esse originário ao qual nunca poderemos acessar. A sobredeterminação dos diferentes conteúdos, que estão representados nas variadas imagens e na trama do sonho, não permite uma interpretação unívoca. A interpretação dos sonhos na neurose, no entanto, será o trabalho por excelência de toda a análise, na medida em que, mesmo que parcialmente realizada, trará a possibilidade de criar novas configurações do material psíquico e novas possibi-

lidades simbolizantes para o sujeito.

Clarissa Carvalho - Na medida em que o sonho do paciente neurótico é tido como a via régia para o inconsciente e pressupõe um aparelho psíquico clivado capaz de produzir o trabalho do sonho, como entender quando o sonho não revela o simbolismo característico da neurose?

Simone Groff - Freud observa e estuda os sonhos de angústia, referindo que são sonhos que se repetem em busca de descarga do traumático vivido. Seu estudo, como o compreendo, traz a ideia de uma espécie de sonho regido por um modelo que remete ao funcionamento dos primeiros tempos, semelhante ao movimento de arco reflexo que, buscando a descarga da tensão à zero, acaba por se repetir sem resolução.

Esse sonho não neurótico (não atravessado pelo simbolismo) não possibilita um trabalho de interpretação como o proposto pelo modelo de Freud, uma vez que não se representa no sonho, ou se representa de modo muito insuficiente, o conflito fornecido pela clivagem intrapsíquica.

Seria viável encontrar nesse tipo de sonho a possibilidade de uma produção mestiça, meio ligadora meio disruptiva, tentativa de uma primeira ligação de elementos isolados, uma criação ou adensamento da trama representacional de um aparelho em constituição?

O sonho que se passa nesse terreno das fragilidades psíquicas, que não revela a complexa desfiguração simbólica que encontramos nos sonhos neuróticos, é um tema que se apresenta cotidianamente em nossa clínica, desde sempre, e que vem sendo enriquecido pelo instigante trabalho de Christophe Dejours.

perspectivas

por Lísia Leite

O que os sonhos têm a dizer?

Psicanalista, Membro Titular da SBPdePA, Membro Pleno do CEPdePA, Fundadora e Diretora do Espaço Analítico Clínica de Psicanálise

Sonhei que estava numa sala com um grupo de mais ou menos quinze pessoas a meu redor. Conversávamos e todos estávamos sorrindo.

Este sonho ocorreu em uma noite que eu havia chegado em casa muito cansada. Passara o dia escutando pessoas apavoradas com a divulgação das medidas restritivas e do isolamento imposto como forma de evitar a velocidade do contágio pelo coronavírus. Pessoas que me pareciam desesperadamente necessitadas de contato com alguém que pudesse lhes assegurar que algum amparo era possível.

Era tarde, eu tinha ainda que responder algumas mensagens, entre elas um convite para responder à pergunta que dá título a este escrito.

Eu, cansada, me dou conta que o desamparo estava me abatendo também.

Somos todos sobreviventes dessa condição originária. E, originariamente, cabe ao outro criar a condição que nos permite acreditar que é possível lidar com essa intensidade avassaladora que ameaça nos destruir.

O psiquismo humano se constitui a partir da ação do outro. Semelhante que acolhe essa intensidade, contém, nomeia e possibilita assim que se façam registros, inscrições de experiências que futuramente irão nos dar alguma garantia de que se possa evitar o colapso.

É do desejo do outro, do cuidado do outro, que nos chega a possibilidade de construir os recursos que irão um dia nos assegurar a capacidade de sonhar. E não apenas a de sonhar, também a capacidade de realizar, de sublimar, de construir sintomas, de es-

tabelecer relações de transferência, a capacidade de amar...

É dessa complexa rede de inscrições oriundas dos registros das experiências infantis de cada um de nós, que se originam as condições de investir a libido na relação com o outro. Amar, nos dizia Freud, para não adoecer...

Só que é época de contágio e para evitar o contágio deve-se evitar o contato. O remédio é o isolamento.

Frente à vivência traumática, o recurso disponível para a libido é voltar a investir o Eu, na tentativa de sobreviver. É necessário, no entanto, sermos capazes de refazer nossas ligações a fim de preservar a saúde mental.

Juan David Násio, autor contemporâneo que admiro, nos diz que a primeira transferência de um paciente não é dirigida à pessoa do analista e, sim, à transferência do analista com a Psicanálise.

Cito Násio, para afirmar a importância da transferência, que assim como o sonho implica a condição de efetuar condensações e deslocamentos que tornem possível a realização do desejo, a circulação do desejo e a possibilidade de endereçá-lo ao outro.

Surpresa com o sonho em que um grupo de pessoas aparece sorrindo em meio a uma violenta situação traumática que se alastrava, ameaçando a vida no planeta, me perguntei: O que os sonhos têm a dizer?

Minha primeira ideia a respeito



foi de que rir numa hora dessas não fazia sentido, era evidentemente uma tentativa de negar a insuportável realidade. Negar um dos recursos que o frágil psiquismo humano dos primeiros tempos constrói para suportar as intensidades que ameaçam desfazer ligações.

O convite ainda esperando resposta me fez pensar em outro sentido, relacionado dessa vez a uma importante inscrição que determina minha relação com a Psicanálise. Minha relação com meu primeiro objeto de transferência, que até hoje se encontra nas origens de minha escuta.

Freud nos dizia que no sonho se realiza um desejo infantil, desejo esse que, transformado por condensações e deslocamentos poderá proteger o sono, e se fazer sonho.

Rir em um momento desses pode querer dizer que novas ligações estão disponíveis, que o sonho é um ato criativo que preserva o funcionamento psíquico e, assim, preserva a capacidade de encontrar soluções na esfera representacional para lidar com o desamparo das origens.

E que mantém, ainda que disfarçados, os nossos laços fundamentais. ●

arte&cultura

por Gabriela Sebben

Joaquin Phoenix encarna neste longa o vilão mais icônico de Batman, um personagem que coleciona traumas e humilhações e acaba tendo como destino se tornar uma espécie de líder anárquico de uma cidade doente, Gotham, assolada pelo desemprego e pela violência, um verdadeiro esgoto a céu aberto. O comediante fracassado que vive com a mãe, aos poucos se transforma em um perigoso e perverso assassino, fazendo emergir em si a violência gratuita contida desde a infância triste e também violenta. O que se observa neste personagem, é que há um menino ressentido que habita o corpo do adulto assassino, mostrando que o abandono, a exclusão e os traumas precoces permanecem vivos como marcas que o



personagem passa a atuar sob formas muito violentas. Coringa é o reflexo de uma vida de alienação e abusos que o tornam esta figura insana, porém, é possível ao mesmo tempo se conec-

tar com o sofrimento e o desamparo que fazem dele o que se tornou, pela negligência e falta de investimento e cuidados dispensados a ele durante toda a sua vida.

Parasita

BongJoon-ho
Ano: 2019



O filme conta a história de uma família sul-coreana integrada por pai, mãe e seus dois filhos, que vive em uma espécie de porão com vista para uma lixeira na rua. Tendo a pobreza como pano de fundo, a famí-

lia Kim passa constantemente roubando o Wi-Fi dos vizinhos ou executando em conjunto um trabalho bastante precário e sem perspectivas, transitando pelos cômodos apertados e sujos da pequena casa.

Em contraste, está o conforto da família Park, que mora em uma espaçosa casa construída por um famoso arquiteto, onde vivem em cômodos amplos, limpos e bem iluminados.

O contraste entre as duas casas é uma estratégia do diretor BongJoon-ho, que constrói uma visão caricatural para a luta de classes, onde os pobres, caracterizados pela maldragem, enganam e se aproveitam da ingenuidade dos ricos, infiltrando-se pouco a pouco na luxuosa casa. A partir daí, a narrativa, até então hilária, assume tons mais dramáticos, mostrando como a desigualdade e o preconceito social são como bombas-relógio e podem, a qualquer momento, explodir com todo o seu potencial destrutivo, fazendo uma clara referência à realidade em que vivemos. O filme foi vencedor de vários Oscars em 2020 pela sua crítica social fundamentada e inteligente, rompendo inclusive a barreira do idioma, o que faz de sua narrativa algo universal.

agenda

por Mariana Biazzi

Tendo em vista a realidade atual envolvendo a presença do Covid-19 no Brasil e em nossa região, o que exige de todos nós o compromisso com medidas de prevenção e contenção, as atividades científicas e de ensino da Construção foram temporariamente canceladas na sua forma presencial, mas seguem na modalidade online.

SEMINÁRIOS DE FORMAÇÃO

PORTO ALEGRE

› Metapsicologia Freudiana I

Quarta-feira, das 14 às 15h30

Coordenação: Beatriz Camargo

Co-coordenação: Anice Tempel

› Metapsicologia Freudiana III

Quarta-feira, das 10h30 às 12 horas

Coordenação: Maria Beatriz Tuchtenhagen

› Metapsicologia Pós-Freudiana I

Quarta-feira, das 15h45 às 17h15

Coordenação: Kenia Ballvé Behr

Co-coordenação: Gabriela Seben

› Metapsicologia Pós-Freudiana II

Quarta-feira, das 15h45 às 17h15

Coordenação: Simone Accetta Groff

› Metapsicologia

Pós-Freudiana IV – Winicott

Quarta-feira, das 9 às 10h30

Coordenação: Marta Leal (IEPP)

› Teoria da Técnica II

Quarta-feira, das 14 às 15h30

Coordenação: Raquel Moreno Garcia

› Teoria da Técnica III

Terça-feira, das 17h30 às 19 horas

Coordenação: Luciana Pavão Kroeft

PASSO FUNDO

› Teoria da Técnica I

Quinta-feira, das 19h30 às 21 horas

Coordenação: Jocitacler Bolsoni

SEMINÁRIOS AVANÇADOS

› Seminário de Estudos

Avançados: Jean Laplanche

Quartas-feiras, das 9h30 às 11h30,

Coordenação: Kenia Ballvé Behr

› Seminário de Estudos

Avançados: Silvia Bleichmar

Encontros mensais aos sábados,
das 13h15 às 16h30

Coordenação: Luciana Pavão Kroeft

GRUPO DE ESTUDOS

› Grupo de Estudos para
Profissionais e Estudantes –
Porto AlegreEncontros quinzenais aos sábados,
de abril a julho, das 10 às 12 horasCoordenação: Beatriz Camargo
e Simone Accetta Groff› Grupo de Estudos
para Estudantes –
Passo FundoEncontros semanais, nas segundas-feiras,
de abril a julho, das 19h30 às 21 horas

Coordenação: Tatiane França

NÚCLEOS CIENTÍFICOS

› Núcleo da Puberdade e Adolescência

Quando? No segundo sábado

de cada mês, das 13h30 às 15 horas.

Coordenação: Raquel Moreno Garcia

› Núcleo de Estudos, Produção
Científica e Clínica das

Questões de Gênero e Sexo

Quando? Encontros quinzenais nas
quartas-feiras, das 16 às 17h30

Coordenação: Raquel Moreno Garcia

› Núcleo de Psicanálise de Crianças

Quando? Encontros quinzenais nas
segundas-feiras, das 11h30 às 13 horas

Coordenação: Maria Beatriz Tuchtenhagen

NÚCLEO DE INTERCÂMBIO

› 09/06 – Terça Psicanalítica online:

“(…) precisamos amar para não
começar a adoecer (...)”, Freud 1914.

Live no Youtube: youtube.com/constructo

Participantes: Simone Accetta Groff

e Elvís Herrmann Bonini.

Quando? Terça-feira, às 20 horas.

› 23/06 – Terça Psicanalítica online:

“A ética é a presença do outro”,
Silvia Bleichmar.

Live no Youtube: youtube.com/constructo

Participantes: Anice Tempel

e Ana Carla Risson.

Quando? Terça-feira, às 20 horas.

› PRÓXIMAS LIVES NO YOUTUBE

07/07 - Assunto: Narcisismo.

21/07 - Assunto: Édipo.

Inscreva-se em nosso canal:

www.youtube.com/constructo

panorama

por Mariana Biazzi

EVENTOS REGIONAIS

› Jornadas Clínicas da APOA

Dias 07 e 08 de novembro de 2020

Teatro Unisinos. Porto Alegre, RS.

Informações:

http://www.apoa.org.br

EVENTOS INTERNACIONAIS

› 33 Congresso Latino-americano de Psicanálise: Fronteras

De 22 a 26 de setembro. Hotel Radisson, Montevideu, Uruguai.

Informações: congresoefepal2020@gmail.com

› 52nd IPA Congress. The infantile: it's multiplied dimensions

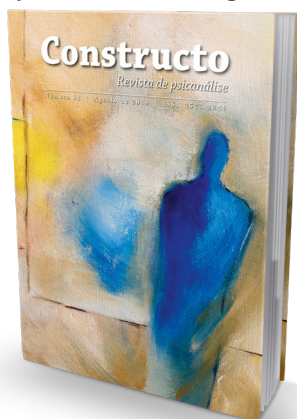
De 21 a 24 de julho de 2021. Vancouver, Canadá.

Informações: https://www.ipa.world

biblioteca

por Mariana Biazzi

Trabalho do sonho, tradução e temporalização



AUTORES

Maria Teresa Melo de Carvalho
e Paulo de Carvalho Ribeiro

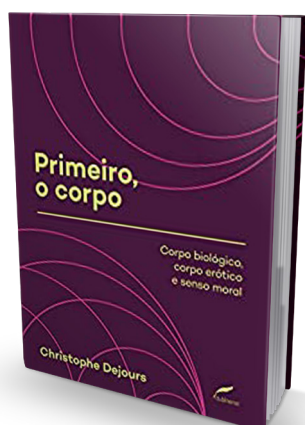
PUBLICADO

Constructo, Revista de
Psicanálise, número 4, 2019

Escrito por Maria Teresa Melo Carvalho e Paulo de Carvalho Ribeiro, o artigo publicado na quarta edição da Constructo – Revista de Psicanálise tem, como guia da discussão, a hipótese de que o trabalho do sonho poderia ter como desfecho uma tradução psíquica, sendo, assim, um trabalho produtor de uma transformação na vida anímica. Os autores trilham, dessa maneira, um caminho diferente do proposto por Freud (que afirmava que o sonho nada produz) ao entender o trabalho do sonho como promotor de novas transcrições do material inconsciente, novos registros psíquicos, formando, assim, novas cadeias associativas pré-conscientes. Contudo, se perguntam, se seria essa uma tradução no sentido freudiano – passagem de um sistema a outro – ou laplancheano – inserida no eixo da temporalização, implicando um saber coerente de si – do termo.

De leitura instigante, o trabalho é dividido em três tópicos. O primeiro versa sobre a realização de desejo e o ataque pulsional no sonho e aproxima a teorização freudiana à *Teoria da Sedução Generalizada*, proposta por Jean Laplanche, para pensar os sonhos de angústia. O segundo, trabalho do sonho e tradução das mensagens enigmáticas, analisa os pontos comuns e as diferenças entre o modelo do sonho e aquilo que seria um modelo de sessão analítica. E, por fim, o terceiro ponto, tradução e temporalização, que discute, essencialmente, a participação do Eu na produção onírica e a dimensão da comunicação ou endereçamento do sonho.

O sonho



AUTOR

Christophe Dejours

PUBLICADO

Primeiro, o corpo. Corpo biológico, corpo erótico e senso moral, Editora Dublinense, Porto Alegre

Em *O sonho*, terceiro capítulo de *Primeiro, o corpo* – livro dedicado a um percurso de estudos entre a biologia e a psicanálise; entre o corpo biológico e o corpo erógeno; o inato e o adquirido –, Christophe Dejours confere uma função capital à vida onírica, tomando o sonho como o artesanato fundamental da saúde, uma vez que, para o autor, ele não é somente a via-régia para o inconsciente, mas, também, seu construtor. O sonho, por garantir a integração de vivências de angústia na experiência e na memória psíquica, é um meio de evolução psíquica. Por isso, muito mais do que sobre os conteúdos oníricos, neste capítulo, a luz incide sobre o sonho como objeto mental, como formação psíquica e como função a serviço da economia psicossomática. Nesse caminho, o autor afirma que o sonho tem poder terapêutico e, por isso, qualquer ocorrência de sonho durante um tratamento deve ser considerada não só pelo material psíquico que o sonho traz, mas, também, por testemunhar uma atividade psíquica em movimento e estruturante para o sujeito. Sendo assim, o sonho não é somente um material sobre o qual o analista trabalha, mas, também, um processo pelo qual o sujeito evolui. *O sonho*, por ser um operador de recalque, é um meio de enriquecer e ampliar a memória psíquica, contudo, seu fracasso, segundo o autor, pode gerar consequências psicossomáticas.

A Gazeta é uma publicação trimestral da **Constructo Instituição Psicanalítica** cujo objetivo principal é ampliar o acesso à informação de qualidade para seus associados e alunos. **A Gazeta** é um veículo comunicativo híbrido, que mescla discussões teóricas a informações mais pontuais. Entre em contato conosco através do e-mail **comunicacao@constructo.com.br** para submeter algum tipo de contribuição para o nosso próximo número.



Follow the Colours
NIKOS GYFTAKIS